

As Materialidades Concernentes aos Textos Produzidos Dentro das Técnicas de SEO(Search Engine Optimization - Otimização para Mecanismos de Busca) e suas Implicações Linguístico-cognitivas na Formação de Leitores e Escritores de Língua Portuguesa

The Texts Materialities Concerning under SEO tecnics and their Linguistic-cognitivies implications in readers and writers Portuguese Language education

Autora: JUNE LESSA FREIRE

Afiliação: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ. Brasil

Apoio Acadêmico: Professor Kelvin Falcão Klein

Resumo

Este estudo propõe a discussão das influências que as interações, pesquisas e redes sociais vêm provocando na formação de leitores e escritores. Estudamos os impactos que a materialidade dos textos pode provocar em leitores e escritores. O que dizem os estudos da neurociência cognitiva. Também propomos caminhos pedagógicos para professores agirem diante de tantos desafios. E fazemos um alerta: como o nosso cérebro é um camaleão, transformações no cérebro leitor já estariam ocorrendo sobre todos nós, inclusive leitores experientes.

PALAVRAS CHAVE: Multiletramento; Neurociência; Inteligência Artificial; Algoritmo.

Abstract

This study propose the discussion about influencies that interections, researches and social mídia are causing in literacy and writing process. We studied the impact that the materiality could provoke in readers and writers. What cognitive neurocience says about. We also propose pedagogical ways to teacher to act against such kind of challenges. And we alert: our brain is a chameleon, transformations are already happening in all of us, including expert readers.

KEYWORDS: Multiliteracy, Neuroscience, Artificial Intelligence, Algoritm.

1. Introdução

Analisando os estudos de Chartier e as transformações que o texto foi sofrendo em função das materialidades pelas quais fomos sendo apresentados, além dos estudos sobre hermenêutica de Gardamer e não-hermenêutica de Gumbrecht, fui sensibilizada por uma pergunta de partida: de que forma as novas materialidades do texto, o meio, formato e acessibilidades oferecidas pela mídia digital estariam influenciando a formação de leitores e escritores?

Nome & Nome – Preenchimento pelo Corpo Editorial – Não INSERIR DADOS

A nossa jornada investigativa após os estudos já citados, a fim de melhor compreender se haveria impacto e qual a depender da materialidade do texto, enveredou-se por compreender como se daria a leitura e quais transformações causaria no cérebro, seus impactos e consequências. No decorrer do estudo, outro tema que surgiu foi a Inteligência Artificial que hoje entremeia, e muitas vezes decide, a vida de todas as pessoas que estão digitalmente conectadas. E para completar a compreensão dos impactos que os algoritmos de busca e das redes sociais vem causando na hermenêutica do texto, também foram objeto de estudo as técnicas de *SEO - Search Engine Optimization*, que, em português, significa Otimização para Mecanismos de Buscas, aplicadas a sites e redes sociais em geral.

As implicações da plasticidade de nossos cérebros leitores não são nem simples nem transitórias. As conexões entre “o como” e “o quê” lemos, e o que está escrito teria importância crucial para a sociedade.

Num meio que nos defronta continuamente com um excesso de informações, a grande tentação de muitos é se retirar para depósitos conhecidos de informações facilmente digeríveis, menos densas, intelectualmente menos exigentes. A ilusão de estarmos informados por um dilúvio diário de informações dimensionadas eletronicamente e priorizadas por algoritmos, poderia vir a dificultar uma análise crítica de nossas realidades complexas. Capacidades críticas que podem vir a se atrofiar em cada um de nós e sem que o percebamos.

Em contraste com a leitura, a linguagem oral é uma das nossas funções humanas mais elementares. Há genes dedicados a capacidades básicas, como a linguagem e a visão, que acabam sendo reaproveitados na formação do circuito de leitura, mas esses genes, por si só, não produzem a capacidade de ler. Ler é algo que tem que ser aprendido. Os princípios básicos dessa invenção não natural e cultural precisam ser ensinados. Não existe nenhum circuito de leitura ideal. Pode haver vários. Ao contrário do que acontece com a aquisição da linguagem oral, a inexistência de um projeto prévio para os circuitos da leitura significa que sua formação está sujeita a uma variação considerável, baseada nas exigências da língua particular do leitor e dos ambientes em que se dá o aprendizado.

O cérebro humano, devido ao seu projeto básico, está preparado para aprender uma grande quantidade de coisas não naturais. O princípio mais conhecido desse projeto, a neuroplasticidade, explicaria praticamente tudo o que há a respeito da leitura – desde a formação de um novo circuito pela conexão de componentes mais antigos até a reciclagem dos neurônios existentes e o acréscimo de ramificações novas e elaboradas ao circuito, ao longo do tempo. O ponto crucial da questão é que a plasticidade do cérebro nos permite formar não só circuitos cada vez mais sofisticados e expandidos, mas também circuitos cada vez menos sofisticados, dependendo dos fatores ambientais.

Assim como nossas teorias do mundo determinam aquilo que vemos, percebemos e entendemos, o mesmo se aplicaria à leitura. O neurocientista Miguel Nicolelis (2020) em seu último livro¹ afirma que o verdadeiro criador de tudo seria o cérebro humano, porque ele interpreta informações que vêm do mundo exterior passa pelo filtro interno e então gera novas informações internas. Seria uma verdadeira máquina de abstrações que definiria como interagimos com o mundo exterior, com outras espécies e com outros membros da nossa espécie. Por isso, a relevância em trazer para o nosso estudo a neurociência, por conta da sua interface profunda com as ciências humanas, com a aprendizagem geral e, mais especificamente, com o letramento, a formação de leitor e suas consequências. Portanto, o problema não diria respeito somente a quantas palavras consumimos, nem mesmo a como lemos na cultura digital. Diria respeito aos efeitos

Nome & Nome – Preenchimento pelo Corpo Editorial – Não INSERIR DADOS

significativos do que lemos e de quanto lemos sobre a maneira que lemos, e aos efeitos dessa combinação sobre o que lemos e lembramos. Mas a questão não termina com o que lemos; ao contrário, continua, porque aquilo que lemos traz mais mudanças no próximo elo da corrente: como as coisas são escritas.

E seria possível supor que uma geração de jovens criados na Internet e no Twitter, e simultaneamente inundados por volumes de palavras, e acostumados a usar somente 140 caracteres para expressar por escrito seus pensamentos, teriam dificuldade em apreciar textos mais complexos?

Ao compararmos romances escritos em meados do século XX com os atuais, além das consideráveis diferenças de estilo e conteúdo, o comprimento médio da sentença nos atuais romances best-sellers resultou ser menos da metade do que os das obras escritas entre o início e a metade do século XX, com um número drasticamente menor de orações e frases por período. É flagrante que a tendência de abandonar a densidade está presente na vida diária. A questão é se estamos observando um realinhamento acelerado entre o estilo de leitura/seu formato (“como e o que lemos”) ao estilo da escrita, que retroalimentaria todo o sistema cognitivo. Um interferindo e modificando o outro.

Estudos vêm demonstrando que haveria uma relação crítica entre a qualidade da leitura e a qualidade do pensamento seria fortemente influenciada pelas mudanças na atenção e por aquilo classificado pelo neurocientista Maryanne Wolf como “paciência cognitiva”. Uma das perguntas a serem respondidas é se a familiaridade decrescente dos alunos de hoje com uma prosa conceitualmente complexa e os truncamentos diários que usam nos meios sociais estão afetando sua escrita mais gravemente do que no passado.

SEO - Search Engine Optimization, que, em português, significa Otimização para Mecanismos de Buscas, trata-se de um conjunto de técnicas que têm como objetivo posicionar uma ou mais páginas dentre os melhores resultados em sites de busca na Internet. São técnicas que não apenas orientam o tamanho da imagem, duração de vídeo, o tipo de palavras-chave a serem utilizadas em conjunto com os textos, mas também os títulos, subtítulos, elementos, conectivos, construção de frases, períodos e tamanho do texto, e tudo com o objetivo de melhor atender aos algoritmos de busca e galgar as primeiras posições nos resultados orgânicos. Portanto, tais técnicas vêm interferindo e modificando não apenas a materialidade dos textos disponibilizados na Internet, mas também a própria hermenêutica, uma vez que também impõe mudanças na linguagem utilizada. E, considerando que são melhor posicionados os que obedecem às regras algorítmicas, logo, o acesso dos demais é prejudicado, uma vez que são colocados fora da relação das primeiras páginas dos resultados de busca. E, é possível supor que devido ao imediatismo que vivemos, a grande maioria esteja se alimentando basicamente de textos produzidos *à la SEO*, e, nesses moldes, formando as suas competências de leitor e escritor. E tudo sendo decidido, ao menos, até o presente momento, à revelia da Academia.

A construção desse conhecimento pode oferecer a base teórica necessária para alterar a tecnologia de modo a corrigir suas próprias fraquezas, seja por meio de modalidades mais refinadas de leitura, seja pela criação de abordagens de desenvolvimento híbrido de adquiri-la. Portanto, aquilo que podemos aprender sobre o modo como diferentes formas de ler impactam a cognição e a cultura tem implicações profundas para os cérebros leitores que virão. Contando com esse conhecimento, seremos capazes de contribuir de modo mais inteligente e mais bem informado para intervir nos circuitos de leitura que estão mudando em nossos filhos, e nos filhos de nossos filhos. Essas crianças poderiam ter noção das infinitas possibilidades no interior de seus próprios pensamentos, que emergem completas de cada novo encontro com mundos diferentes dos delas? Ser outros? Qual a capacidade da leitura de mudar a vida dos indivíduos? Qual a natureza gerativa

da língua escrita e o que esta significa literal e fisiologicamente? Para gerar novos pensamentos não só para uma criança, mas também para a nossa sociedade? O modo como a organização dos circuitos do cérebro leitor pode ser alterada pelas características singulares da mídia digital, particularmente nos jovens?

Este estudo não tem a pretensão de esgotar o assunto e, muito menos formar juízos fáceis, seja sobre as mudanças de uma época para outra no estilo de escrever, seja sobre se as mudanças observadas refletem a complexidade do pensamento corporificado nas palavras. Seria um erro sugerir que a profundidade dos pensamentos de um autor tem correlação direta com a densidade sintática da obra. O que propomos aqui é questionar se haveria perda cognitiva por não querermos ou, no futuro, não sermos capazes de navegar nas exigências dos conceitos complexos numa prosa mais densa. Por isso propomos o debate se haveria relação entre o número de caracteres com que escolhemos ler ou escrever, a estrutura sintática do texto e o modo como pensamos. Se o modo de ler vem determinando os escritores que estamos formando. E se implica na forma como pensamos, quais adultos que virão a liderar os nossos governos serão formados?

Objetivamos analisar e discutir os possíveis impactos das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), incluindo as técnicas de SEO na formação de leitores e escritores. E tem como objetivos específicos chamar à atenção para as mudanças de construção de texto que estão em andamento na sociedade e propor caminhos para ações, a fim de contribuir para que a extensão do debate sobre a World Wild Web inclua profissionais das Ciências Humanas e Social, pois consideramos ser imprescindível que profissionais de diferentes áreas adquiram familiaridade com os temas para melhor atuarem na formação de estudantes e da sociedade como um todo.

2. Materialidades Textuais

O estudo da Materialidade do Texto pode ser analisado pela História do Livro, pela História das Mídias, das tecnologias, de diferentes plataformas de comunicação e pela materialidade da literatura produzida. O professor João Luis Lisboa (2014, p. 160) nos lembra que a História do Livro sozinha já cobre uma área consideravelmente vasta e plural. É possível estudar a História do Livro ao se discutir o modo como certos textos funcionam, considerando as suas circunstâncias culturais e sociais, o que significam para quem os “usa” e como são “usados”. E que haveria também os estudos sobre a materialidade dos textos, ou a sua arqueologia, apesar de poucos testemunhos materiais.

O professor Manoel Portela (2013, p. 148) em sua entrevista traz para os estudos da materialidade do texto estudos teóricos dos desdobramentos relativos à interação do ser humano/escrita/hipermídia no mundo contemporâneo. E acrescenta a importância da análise literária e artística de obras produzidas sob as novas plataformas tecnológicas e sociais de produção. As mutações tecnológicas nos levam a estados de conviver e co-viver com a simultaneidade do não simultâneo.

Gumbrecht (2010, p.406-409) destaca 3(três) conceitos básicos que norteiam a pós-modernidade: a destemporalização – afirma que o tempo não é mais cronológico, não mais sucessivo e que o tempo presente é composto de várias camadas heterogêneas de tensão e conflito; a destotalização – critica conceitos como a “razão humana”, “natureza humana”, o que tenta totalizar a experiência, põe em cheque teorias que têm a pretensão de tornar hegemônica a experiência social – vimos em PORTELA (op. cit, p. 152) o seu projeto “Nenhum Problema tem Solução” em que destaca a inexistência da verdade absoluta; e a desferencialização ou desnaturalização – enfatiza do deslocamento sofrido pelo sujeito entre o seu trabalho e o sentido da própria vida.

Nome & Nome – Preenchimento pelo Corpo Editorial – Não INSERIR DADOS

No texto *Do Códice ao Monitor*, Roger Chartier, através de uma retrospectiva da história do livro, analisa a interferência que as tecnologias causaram na materialidade do texto.

Segundo o autor a primeira grande transformação teria sido a passagem do rolo nos primeiros séculos da era cristã para o códice, para um livro de páginas ajuntadas. Pode-se imaginar as dificuldades de se organizar e acessar o conteúdo, pois um texto em formato de rolo, a leitura se dá, obrigatoriamente, de forma sequencial. Com o surgimento do códice, a separação de folhas, depois a organização de capítulos, o acesso direto a qualquer parte do texto foi possível.

Segundo Chartier, tanto na Antiguidade como na ordem moderna do discurso literário, três noções constituiriam tal instituição:

“Em primeiro lugar, a identificação do texto com um escrito fixado, estabilizado, manipulável graças à sua permanência. Por conseguinte, a idéia de que a obra é produzida para um leitor, e um leitor que lê em silêncio, para si mesmo e solitariamente, mesmo quando se encontra em um espaço público. Por último, a caracterização da leitura como a atribuição do texto a um autor e como uma decifração do sentido. Mas é preciso ter distanciamento em relação a esses três supostos para compreender quais foram as razões da produção, as modalidades das realizações e as formas das apropriações das obras do passado. Também é preciso compreender em sua própria historicidade e instabilidade.”

Nessa compreensão se fixariam as categorias fundamentais que organizam a ordem do discurso moderno, caracterizado por Michel Foucault.

2. Implicações no cérebro humano

Muito antes do surgimento das tecnologias utilizadas atualmente pela neurociência, como a ressonância magnética, houve em 1975 um importante e único encontro pessoal entre o fundador da Epistemologia Genética, Jean Piaget, e o fundador da Linguística Gerativa, Noam Chomsky. Foi um debate com a participação de mais de doze cientistas para discutir as teorias.

Piaget abriu o encontro enfatizando o papel das estruturas cognitivas na aprendizagem.

“Cinquenta anos de experiências nos ensinaram que não existem conhecimentos resultantes de um simples registro de observações. Sem uma estruturação devida às atividades do indivíduo.”

E quase cinquenta depois, a neurocientista Maryanne Wolf (2019) detalha as ocorrências e funcionamento do cérebro no ato da leitura. Segundo a autora, a aquisição do letramento é uma das façanhas epigenéticas mais importantes do *Homo Sapiens*. E que, até onde se sabe, nenhuma outra espécie realizou tal façanha. Pois o ato de ler teria acrescentado um circuito inteiramente novo ao repertório do nosso cérebro de hominídeos.

“O longo processo evolutivo de aprender a ler bem e em profundidade mudou nada menos que a estrutura das conexões desse circuito, e isso fez com que mudassem as conexões do cérebro, com a consequência de transformar a natureza do pensamento humano.” (WOLF, op. cit., p. 7)

E esclarece que o fato é que o que lemos, como lemos e por que lemos são fatores de mudanças do modo como pensamos. E que como resultado de sua investigação como neurocientista do cérebro leitor, afirma que “os seres humanos não nasceram para ler”.

Afirma que a origem não natural e, sim, cultural do letramento – primeiro aspecto enganosamente simples a considerar sobre a leitura – significa que os jovens leitores não têm um programa de base genética para desenvolver esses circuitos. Os circuitos do cérebro leitor são formados e desenvolvidos por fatores tanto naturais como ambientais, incluindo a mídia em que a capacidade de ler é adquirida e desenvolvida.

3. “Não existe almoço grátis”

O ditado: “não existe almoço grátis” também se aplica ao uso da tecnologia. Pois quando o serviço é gratuito na Internet, isso significa que o produto é o usuário, mais especificamente, os seus dados básicos, hábitos de pesquisa, hábitos de consumo, preferências em geral, sua imagem, personalidade etc

SEO e SERP, siglas que vêm dominando estratégias e técnicas de escrita para conteúdos na WWW - World Wide Web. Antes de analisá-las é preciso traduzi-las.

SEO - Search Engine Optimization, que, em português, significa Otimização para Mecanismos de Buscas. Trata-se de um conjunto de técnicas que têm como objetivo posicionar uma ou mais páginas de destino entre os melhores resultados dos motores de pesquisa na Web. Por motores de pesquisa entende-se sites de busca como o Google, Edge, Bing, Yahoo e outros.

SERP - É a sigla em inglês para Search Engine Results Page, que em português significa “Página de Resultados”. A SERP é o resultado apresentado pelos buscadores quando um usuário inclui o termo de busca na caixa de pesquisa e aperta o “Enter”. Ou seja, é a página que traz as informações e links relacionados ao que foi procurado. A complexidade fica por conta da estratégia em estar entre as primeiras posições do ranqueamento, aquelas que os usuários mais acessam para dar continuidade às suas pesquisas.

Na página da Advanced Web Ranking, os resultados mais recentes mostram que mais de 60% dos cliques em resultados no Google estão distribuídos apenas entre as 3 primeiras posições. Infelizmente, em 40% das pesquisas, os usuários não rolam a tela, ou acessam as páginas seguintes.

Ou seja, como essas técnicas que valorizam e priorizam a escrita de textos não necessariamente os melhores sobre determinado assunto, muito pelo contrário, são textos muito simples e com algumas características bizarras, além de toda complexidade de ameaças que o uso intenso do mundo digital já representa, precisa e pode ser debatida. E tornar acessível tais técnicas tem como pretensão nutrir profissionais das Ciências Humanas e Sociais para o debate.

4. Multiletramentos

Multiletramentos é um conceito cunhado pelo Grupo de Nova Londres (GNL ou NLG) em seu manifesto de 1996, é uma perspectiva de letramento que considera a multiplicidade de linguagens (visual, verbal, sonora, espacial...) e a de diferentes culturas. Implicaria no reconhecimento e enfrentamento dos diferentes modos de linguagem que não podem ser ignorados – escrita, sons, imagens, gestos, entre outros, daí o termo multimodalidade. A principal intenção seria ampliar os métodos de ensino por meio de atividades que integrem as novas tecnologias, a globalização e a internet. Ou seja, o multiletramento iria além das abordagens comuns de leitura e escrita praticadas comumente nas escolas.

Traz como pontos de destaque a abordagem da diversidade cultural e da diversidade de linguagens na escola sob a ótica do plurilinguismo, da multisssemiose e do pluralismo cultural, levando a refletir sobre uma pedagogia dos multiletramentos.

E em tempos de posts curtos ou textões, limitação no número de caracteres, Memes, *SEO* e *Fake News*, ler criticamente também implicaria em analisar as fontes e filtrar conteúdos.

5. Considerações finais

Quando os melhores textos estão enterrados na vigésima página, a menos lida de uma busca no Google. A preocupação é que estejamos a um breve passo de deixar de reconhecer a beleza no que está escrito. E ainda mais perto de jogar fora pensamentos complexos, quando não se encaixam na *Revista Valore, Volta Redonda, 8 (edição especial), XX-XX, 2023*

Nome & Nome – Preenchimento pelo Corpo Editorial – Não INSERIR DADOS

restrição, desastrosa para a memória, ao número de caracteres usados para transmiti-los, ou das regras de SEO, os algoritmos. É fundamental lembrar que o cérebro humano seria o mais perfeito camaleão criado pela natureza, e quando exposto a novas experiência estilísticas do mundo exterior, particularmente associadas a experiências hedônicas fortes, em geral, daria início a um processo de autorreformatação imediata da sua estrutura orgânica interna e, a partir de então, usaria a informação recém-embutida no seu tecido neural como guia para definir comportamentos e ações. (NICOLELIS, op. cit., p. 349)

Dessa forma, linguagem e o pensamento se atrofiam, quando a complexidade se esvai e tudo se torna cada vez mais o mesmo, corremos grandes riscos na política da sociedade – vindos quer de extremistas de organizações políticas ou religiosas ou, menos obviamente, de publicitários. Estaríamos testemunhando em nossas diferentes profissões, o começo de um recuo de formas intelectualmente mais exigentes da linguagem?

O fato é que o conhecimento sobre o cérebro leitor e as instruções para suas futuras iterações requerem a junção de múltiplas disciplinas – desde a neurociência cognitiva e a tecnologia, até as humanidades e as ciências sociais. Nenhuma dessas disciplinas é suficiente sozinha para decidir e definir os melhores caminhos; cada uma acrescenta alguma coisa de essencial. Que este trabalho sirva como uma ponte, conectando áreas distintas do conhecimento, facilitando a comunicação nesse processo desafiador.

Referências

CHARTIER, ROGER. **Do Códice ao Monitor: a trajetória do escrito**. Estudos Avançados 8(21), 1994.

CHARTIER, ROGER. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun**. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

FARIA, A.; JOVIANO, L. H. da S. **Materialidades da Literatura: escrita, investigação e reconfigurações no contexto do espaço virtual**. Entrevista com Manuel Portela. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 17, n.2, p. 147-153, jul./dez. 2013.

GADAMER, HANS-GEORG. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma: ensaios para uma crítica nãohermenêutica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **O campo não hermenêutico ou a materialidade**. *Teresa revista de Literatura Brasileira* [10 111], São Paulo, p. 386-407, 2010.

NICOLELIS, MIGUEL. **O Verdadeiro Criador de Tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos**. São Paulo: Planeta. 2020.

PALMARINI, MASSIMO P. **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget/Noam Chomsky**. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo. 1983. (p. 39)

ROJO, Roxane Helena; RODRIGUES (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Nome & Nome – Preenchimento pelo Corpo Editorial – Não INSERIR DADOS

WOLF, MARYANNE. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era.**
Tradução Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. – São Paulo: Contexto, 2019.

PREENCHIMENTO PELO CORPO EDITORIAL

Recebido em:

Aceito em:

Endereço para correspondência:

Nome

email



Esta obra está licenciada sob uma